



Uso de artefatos contábeis e desempenho empresarial: um estudo com graduandos em Contabilidade da Universidade Federal da Bahia

Esse artigo teve como objetivo geral estudar a percepção dos alunos de Ciências Contábeis da Universidade Federal da Bahia (UFBA), em relação à associação entre o uso de artefatos contábeis e desempenho. O primeiro objetivo específico tratou de capturar a percepção sobre a contribuição de artefatos contábeis específicos para o desempenho empresarial. O segundo objetivo investigou a percepção dos respondentes sobre a importância de medidas específicas para a mensuração do desempenho empresarial de uma organização. A metodologia utilizada envolveu um estudo de caso realizado com 104 graduandos em Ciências Contábeis. Os questionários foram divididos em quatro seções, correspondendo a cenário, artefatos contábeis, medidas de desempenho e características demográficas do respondente. Os resultados indicaram que a utilização de artefatos contábeis não está claramente relacionada ao desempenho empresarial. Além disso, os respondentes elegeram Planejamento Estratégico, Orçamento Empresarial e Planejamento Tributário como os melhores artefatos para aumentar o desempenho empresarial. Por último, os alunos elegeram o crescimento das vendas, o ROE e IML, como as mais eficientes medidas para mensurar o desempenho empresarial. No entanto, a diferença entre as médias não foi significativa, corroborando a literatura que indica a dificuldade de se elegerem as melhores medidas de desempenho.

Christian Mascarenhas Andrade

Mestrando em Contabilidade da Universidade Federal da Bahia; mestre em *Management Science with Computing* pela *University of Kent at Canterbury* (2001); bacharel em Ciência da Computação na Universidade Federal da Bahia (1997); bacharel em Ciências Contábeis pela Universidade Federal da Bahia (2012).

Adriano Leal Bruni

Professor Titular da Faculdade de Ciências Contábeis da Universidade Federal da Bahia.

Francisco Gaudêncio Mendonça Freires

Professor Associado da Universidade Federal da Bahia (UFBA); pós-doutor pela HECParis (2013); doutor em Engenharia Industrial e Gestão pela Universidade do Porto (2007); mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (2000); engenheiro civil pela Universidade Federal do Ceará (1997).

1. Introdução

Para uma empresa ter continuidade e gerar lucro de forma sustentada é preciso ter uma sólida base estratégica, sendo, portanto, a gestão, seu controle e a mensuração do seu desempenho fatores críticos de sucesso. Apesar desse conceito simples, o acompanhamento, a mensuração e controle do desempenho empresarial não é tarefa simples, pois envolve diversas dimensões da estratégia: Como a visão, a missão, o equilíbrio, o crescimento das vendas, o *market share* e o lucro.

Com a proposta de acompanhar, controlar e mensurar o desempenho empresarial, vários artefatos contábeis foram criados como o *Balance Scorecard* (BSC), Custeio Baseado em Atividades (ABC), *Economic Value Added* (EVA®), Gestão Baseada em Atividades (ABM), Gestão Baseada em Valor (VBM), Orçamento e Planejamento Estratégico, entre outros. Porém, existe pouca evidência que comprove a relação uso de ferramentas de gestão inovadoras e o desempenho empresarial.

O problema de pesquisa proposto para este estudo consistiu em: **Qual a percepção dos graduandos em Ciências Contábeis da Universidade Federal da Bahia em relação ao uso de artefatos contábeis e o desempenho empresarial?** O objetivo geral é estudar a percepção da associação entre o uso de artefatos contábeis e desempenho. Adicionalmente, dois objetivos específicos foram formulados. O primeiro tratou de capturar a percepção sobre a contribuição de artefatos contábeis específicos para o desempenho. O segundo investigou a percepção dos respondentes sobre a importância de medidas de desempe-

no específicas para a mensuração do desempenho empresarial de uma organização.

2. Fundamentação Teórica

A busca por medidas de desempenho ideais, artefatos contábeis mais eficientes em incrementar o desempenho empresarial e, até mesmo, a procura pela validação da existência de relacionamento entre artefatos contábeis e desempenho empresarial, devem ser feitas com algumas ressalvas.

Primeiramente, porque não existe consenso acadêmico acerca de: I - qual seria o melhor índice para medir desempenho; II - qual o melhor artefato para melhorar o desempenho; III - não existe consenso se existe relacionamento entre uso de artefatos contábeis e desempenho empresarial.

Portanto, citando Frezzati et al. (2009), uma abordagem levando-se em conta um monoparadigma é altamente limitador e nocivo ao crescimento da área contábil, além de trazer consequências políticas e de poder no mundo da pesquisa. Frezzati et al. complementam que o problema central do monoparadigma está no fato de que, ao optar por ele, provavelmente, algumas questões de pesquisa deixarão de ser tratadas pelos pesquisadores. Portanto, nessa pesquisa, ao usar uma abordagem positivista e de testar uma relação unilateral entre artefatos contábeis e desempenho, devem-se entender os riscos e limitações do problema da pesquisa.

No entanto, os mesmos autores reconhecem que abordagens monoparadigmáticas contribuíram para o crescimento do conhecimento

contábil. Portanto, o levantamento do tema, mesmo em uma relação unilateral e tendo uma abordagem positivista, deve ser entendido como um caminho, não pela busca de uma verdade absoluta.

Feitas as devidas ressalvas, a introdução de modernas ferramentas de gestão (ou artefatos contábeis) em uma empresa deve ser entendida como um importante processo de inovação organizacional. Assim, o uso de ferramentas como o *Balance Scorecard* (BSC), Custeio Baseado em Atividades (ABC), *Economic Value Added* (EVA®), Gestão Baseada em Atividades (ABM), Gestão Baseada em Valor (VBM), Orçamento e Planejamento Estratégico são percebidos pelos gestores e investidores como um importante diferencial competitivo dentro de um mercado dinâmico e globalizado.

Apesar da atenção dada para essas ferramentas, existe um acatado debate acadêmico se esses artefatos são realmente capazes de mensurar, melhorar e controlar o desempenho empresarial. Portanto, talvez todo o investimento, empenho e treinamento gastos para implantar essas ferramentas seria, na realidade, um desperdício de pessoal e dinheiro.

Para se entender melhor o problema, precisar-se-á, primeiro, definir o que são artefatos contábeis. Segundo a definição de Soutes (2006), artefatos são atividades, ferramentas, instrumentos, filosofias de produção, modelos de gestão e sistemas que possam ser utilizados pelos profissionais

da contabilidade gerencial no exercício de suas funções. Correia (2010) complementa indicando que artefatos também são conhecidos como métodos de mensuração, instrumentos de ava-



“Atualmente, em virtude da volatilidade do ambiente e da competição global, houve uma necessidade de ampliação da perspectiva do gestor, expandindo a visão de desempenho. Em um ambiente menos competitivo, a visão com foco interno, tendo a organização no centro, poderia ser entendida como suficiente.”

liação, práticas de gestão, filosofias de gestão, ferramentas de gestão, artefatos de gestão e os define como os mecanismos responsáveis para subsidiar e dar suporte aos gestores na tomada de decisão e na execução de suas funções, fazendo com que o conhecimento se materialize nas organizações.

A partir dessas duas definições, pode-se resumir que os artefatos são ferramentas gerenciais para o controle, suporte e mensuração do desempenho empresarial com o objetivo de obter uma vantagem competitiva sobre as empresas concorrentes.

Notadamente, seria importante para uma melhor compressão dessas ferramentas que elas fossem classificadas conforme seu objetivo. Essa foi uma das contribuições da pesquisa de Morais et al. (2012). Sua pesquisa dividiu os artefatos contábeis em três grupos: GR1- Metodologias de Custeio, GR 2 – Medidas de Desempenho, GR 3 – Filosofias e Modelos de Gestão. A partir dessa classificação, a pesquisa evidenciou o seu crescimento e uso no período compreendido entre 2001 e 2009.

Um importante resultado da pesquisa de Morais foi quanto à evidenciação do crescimento do uso dos artefatos contábeis, esca-

lonados nos três grupos: O grupo que apresentou maior crescimento no seu uso foi o GR2, que teve incremento de 107% no período. O grupo de artefatos que ficou em segundo no crescimento foi o GR3, que apresentou crescimento de 91% no período. A última colocação coube ao GR1, que cresceu apenas 31% no número de novos artefatos instalados pelas empresas. Nota-se a partir do resultado um maior crescimento do GR2 - Medidas de Desempenho, demonstrando que os gestores estão em busca de ferramentas contábeis que possibilitem exatamente mensurar o desempenho empresarial.

Na outra margem da relação, está o desempenho empresarial, expressão de uso comum, mas de difícil definição. Brito et al. (2009) alerta em sua pesquisa que desempenho empresarial, isoladamente, já não é um constructo simples, apesar de ser frequentemente usado em diversas pesquisas de controladoria e finanças. Richard (2013) também pontua que não existe uma definição de consenso para o termo. Como consequência dessa falta de coesão acadêmica para essa definição, vários índices foram desenvolvidos para capturar um índice de desempenho. A maioria deles tem como principal foco o

resultado econômico, como o lucro sobre vendas, o lucro líquido, o ROI (retorno do investimento), o ROE (retorno patrimônio líquido), sobre o RI (lucro residual) e o EBITDA (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização).

Outros índices buscaram capturar a dimensão de desempenho, não em desempenho econômico, mas em vendas: como o crescimento de vendas e o percentual da fatia de mercado (*market share*). Esse lapso de coesão para a definição do desempenho empresarial já antecipa que a construção de um artefato contábil que tenha como objetivo seu controle, mensuração e promoção não é tarefa simples. Para aumentar ainda mais essa complexidade, a mensuração de desempenho empresarial tem sofrido profundas transformações em meio ao processo de globalização que as organizações estão passando nesse início de século. Davila (2012) expõe que os sistemas tradicionais para mensuração de desempenho eram focados em acompanhar, a partir de uma perspectiva interna, o desempenho da organização como um todo. Esse método clássico tinha como foco a qualidade, a produtividade, o *uptime* e a *performance* do orçamento.

Atualmente, em virtude da volatilidade do ambiente e da competição global, houve uma necessidade de ampliação da perspectiva do gestor, expandindo a visão de desempenho. Em um ambiente menos competitivo, a visão com foco interno, tendo a organização no centro, poderia ser entendida como suficiente. Atualmente o foco externo, em que a empresa é observada juntamente com suas competidoras, passou a ter uma atenção maior do gestor. Ou seja, o desempenho empresarial deve ser medi-

do e comparado com empresas similares do setor. No entanto, não existe consenso de qual ferramenta seria a mais eficiente para ser usada para essa medição. Davila (2012) cita que uma das ferramentas que mais são usadas para capturar esse novo contexto é o Balanced Scorecard, dada a sua lógica e simplicidade.

Davila (2012) também alerta que as medidas de desempenho dependem do ambiente em que a empresa se insere. Existe, portanto, uma forte tendência que cada setor crie modelos com índices

específicos para o acompanhamento das medidas de desempenho. As pesquisas atuais demonstram que medidas genéricas de desempenho encontram enormes dificuldades de capturar e exprimir o real desempenho de uma empresa.

Algumas pesquisas se propuseram a relacionar o uso de artefatos contábeis e desempenho. Meireles et al. (2010) estudou a relação de existência de relação entre Grau de Incorporação Tecnológica (GIT) e o valor adicionado, aceitando a hipótese de existência de relação entre elas. Nessa pesquisa, foi utilizada como amostra 78 empresas retiradas da edição de Melhores & Maiores de 2009, tendo como fonte de informação as suas demonstrações contábeis. Note-se que aqui o artefato contábil utilizado foi o GIT e a medida de desempenho foi o valor adicionado (ambos não foram utilizados no experimento abordado nessa pesquisa).

Já Bispe (2004) estudou o relacionamento entre uso interativo de sistema de controle gerencial e desempenho, aceitando a hipótese da existência do relacionamento. No entanto, a existência de relacionamento entre uso não interativo de controle gerencial e desempenho foi refutada. A pesquisa utilizou uma base de 120 empresas de médio porte do setor de manufatura, tendo como fonte de dados questionários respondidos pelos CEOs. Bispe utilizou como artefatos contábeis o orçamento, o BSC, o sistema de gerenciamento de projetos, o sistema de controle do gerenciamento. A medida de desempenho utilizada foi o instrumento multidimensional oito dimensões, que envolve variáveis financeiras e não financeiras



Quadro 1 – Pesquisas com o Objeto Ferramenta Gerenciais e Desempenho

Referência	Tipo de Relacionamento	Existência de Relacionamento
Bispe (2004)	Uso Interativo Sistema de Controle Gerencial e Desempenho	Sim
Bispe (2004)	Uso não Interativo de Sistema de Controle Gerencial e Desempenho	Não
Soutes (2006)	Utilização de Artefatos Modernos de Contabilidade Gerencial e Desempenho	Sim
Oyadomari et al. (2009)	Relacionamento Positivo entre Uso Diagnóstico, Uso Interativo e Tensão Dinâmica e Desempenho Econômico, ativado pelas Competências	Não
Meireles et al. (2010)	Grau de Incorporação Tecnológica (GIT) e o Volume dos Lucros	Não
Kraus (2012)	Inovações Gerenciais e Desempenho Corporativo em Empresas Familiares	Não
Kraus (2012)	Inovações Gerenciais e Desempenho Corporativo em Empresas em Empresas Não Familiares	Sim

Fonte: Elaboração própria

Já Soutes (2006) estudou a existência da relação entre 22 artefatos contábeis e desempenho, esse medido em três dimensões: lucratividade, rentabilidade sobre o ativo e rentabilidade sobre o PL, sendo nessa pesquisa a hipótese da existência de relação entre os artefatos contábeis classificados como modernos foi aceita. A pesquisa utilizou como amostra de 90 empresas brasileiras de diversos setores da economia. A fonte de dados foi questionários respondidos pelos gestores da Contabilidade, no ano de 2005. Todos os artefatos presentes nessa pesquisa estão presentes na dissertação de Soutes.

Outra contribuição foi a pesquisa de Oyadomari et al. (2009), que estudou o relacionamento entre Uso Diagnóstico, Uso Interativo e Tensão Dinâmica e Desempenho Econômico, ativado pelas Competências, e a hipótese foi refutada, não encontrando relacionamento entre esses constructos. A pesquisa utilizou como amostra 104 empresas brasileiras, entre as 1.000 maiores do Brasil, incluídas no Ranking Melhores & Maiores de 2008, de diversos setores. A fonte de dados foi questionários respondidos em sua maioria foi o profissional da contabilidade e finanças da empresa. O artefato utilizado “aprendizagem organizacional” e a “medida de desempenho” foi o ROE.

A contribuição de Morais (2012) foi a validação da hipótese de que o desempenho operacional, nas companhias de capital aberto no Brasil têm sido positivamente impactado pela implementação de artefatos de Contabilidade gerencial. Ele estudou a totalidade das companhias 543 empresas brasileiras de capital aberto listadas na BM&FBovespa, em agosto de 2010. O resultado encontrado sugere que existe associação positiva entre os atributos regredidos (implantação de artefatos de Contabilidade Gerencial sobre desempenho operacional), mas alerta que não é o uso de artefatos implementados que contribui para a melhora do desempenho operacional e, sim, a modernização contínua dos artefatos de controle pelas empresas.

Por último, Kraus (2012) estudou os relacionamentos entre Inovações Gerenciais e Desempenho Corporativo em Empresas Familiares, que foi refutado; e também Inovações Gerenciais e Desempenho Corporativo em Empresas não Familiares, que foi aceito. Ele utilizou como amostra 533 empresas da Finlândia da área de alimentos divididas entre familiares e não familiares, tendo como fonte de informação entrevistas por meio de entrevistas computadorizadas via telefone no ano de 2009. As inovações geren-

ciais tiveram como base o Manual de Oslo de 2005, e as medidas de desempenho foram crescimento de vendas e pessoal quando comparadas com suas concorrentes.

Essas pesquisas estão presentes no Quadro 1, onde se pode perceber que cinco delas identificaram uma relação entre artefatos e desempenho, e as outras três não identificaram relação alguma.

A maioria dessas pesquisas alerta que o uso de artefatos contábeis, como fator isolado, não pode ser apontado como o único responsável pelo melhor desempenho empresarial, sendo, portanto, dependente de vários fatores, como o ambiente de gestão, a cultura organizacional, o tipo de artefato contábil e o ramo de atividade da organização.

É importante observar que todas as pesquisas apresentadas apresentaram diferentes artefatos contábeis e também diferentes propostas de medida de desempenho e que a validação da existência de relacionamento entre artefato contábil e desempenho foi contraditória. Entendendo então que a relação entre artefato contábil e desempenho empresarial não é clara, poder-se-ia procurar outras motivações para o seu uso por parte das empresas. Segundo Oyadomari et al. (2008), uma importante razão é o isomorfismo.

Segundo Oyadomari et al. (2008), o isomorfismo é um processo restritivo que força um elemento de uma população a se parecer com os outros que enfrentam o mesmo conjunto de condições ambientais. Existem três mecanismos de mudança isomórfica institucional: o isomorfismo coercitivo, o isomorfismo mimético e o isomorfismo normativo; espera-se que cada um dos processos miméticos aconteça na ausência da evidência de que eles aumentariam a eficiência organizacional interna.

Ainda citando Segundo Oyadomari et al. (2008), o problema de legitimação é resultado de pressões formais e informais exercidas por outras organizações e pela sociedade em que as organizações atuam. O isomorfismo mimético resulta de respostas padrão para situações de incerteza, ou seja, quando a organização tem dúvidas sobre determinada decisão a ser tomada, ela recorre ao comportamento mimético, que se constitui em imitar as decisões de outras organizações tidas como referências no ambiente em que atuam. Já o isomorfismo normativo é associado com a profissionalização, e o seu fundamento é o de que as profissões, na busca de legitimação perante a sociedade, constroem uma base cognitiva comum, de forma a possuírem uma identidade frente a outras profissões.

Portanto, à luz da teoria isomórfica, a adoção de artefatos contábeis pode estar mais ligada à legitimação do gestor, ao mimetis-

mo corporativo e à normatização das organizações do que ao controle e mensuração do desempenho empresarial.

Como já apontado anteriormente, existem na literatura inúmeros artefatos contábeis e diversas medidas de desempenho. Para essa pesquisa, sumarizou-se a tabela de Soutes (2006) e Correia (2010) para a seleção de artefatos contábeis, sendo escolhidos: Custeio por absorção, Custeio Meta, Retorno sobre o Investimento, Planejamento Estratégico, Orçamento, Gestão Baseada em Atividades, Balanced Scorecard, Gestão Baseada em Valor ou VBM, Custeio Baseado em Atividades, *Economic Value Added*, Planejamento Tributário, *Just in Time* (Quadro 1). Já para as medidas de desempenho, foram utilizadas as contidas no trabalho de Richard (2013): Fluxo de Caixa, EBIT (LAJIR), EBITDA (LAJIDA), Fatia de Mercado, Lucro Operacional, IML, Retorno Sobre Ativos, Retorno sobre PL, Retorno por Ação, Retorno sobre o Investimento e Crescimento de Vendas (Quadro 2).

3. Procedimentos Metodológicos

O universo da pesquisa envolveu os 696 alunos do curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal da Bahia. A amostra foi composta por 104 componentes, em matérias da grade do penúl-

timo e último ano do curso, e a estratégia de abordagem envolveu um estudo de caso.

O instrumento de coleta buscou capturar a percepção sobre o relacionamento entre uso de artefatos contábeis e desempenho empresarial e foi formado por quatro partes. A primeira parte teve o objetivo de verificar se a introdução de artefatos contábeis mudaria a percepção do aluno em relação ao desempenho de uma empresa. A segunda parte visou capturar dos alunos qual era o artefato que mais corrobora para o desempenho financeiro; a terceira visou capturar dos alunos qual a medida que melhor representa o desempenho empresarial; e a última parte teve o objetivo de coletar as características demográficas.

O primeiro objetivo específico procurou estudar a percepção da associação entre o uso de artefatos contábeis e desempenho. Um estudo de caso foi delineado e inserido na primeira parte do instrumento de coleta de dados, conforme destaca o Quadro 2.

O primeiro parágrafo foi apresentado para toda a amostra e fazia comentários gerais sobre uma determinada organização. O segundo parágrafo foi fornecido para apenas metade da amostra e inseria informações adicionais que destacavam o uso de artefatos contábeis. O objetivo consistiu claramente em investigar se a informação (e o reforço nela contido) sobre a existência na organização de artefatos

Quadro 2 – Cenários apresentados para os respondentes

Cenário do estudo de caso: Você acabou de receber uma herança e pensa em investir, comprando ações de uma companhia do segmento de energia. A empresa em vista é um dos maiores comercializadores independentes de energia elétrica do Brasil. Por meio de suas 18 plantas eólicas, termoeletricas e hidroelétricas, negociou mais de 100 milhões de MWh (megawatts/hora) entre 2003 e o final de 2012. Além disso, por meio de seus consultores especialistas realiza serviços de assessoria a clientes na administração de negócios com energia elétrica. Em todos os campos de atuação, a ABC destaca-se pela acuidade de análise e prognósticos. Em 2012, por meio da ABC Trading, ingressou no mercado de etanol e de energia eólica, em que atua como trader exportadora que tem, como clientes, as principais tradings do mercado internacional.

Informação adicional apresentada para apenas metade da amostra: A controladoria da empresa possui instrumentos formais de planejamento de longo prazo, apresentando a missão, a visão e as estratégias organizacionais, estabelecendo os objetivos e as políticas, verificando as ameaças e as oportunidades, os pontos fortes e os pontos fracos e direcionando os rumos da organização. A estratégia da empresa também é monitorada de forma balanceada, utilizando indicadores de desempenho – financeiros e não financeiros – com base em perspectivas que envolvem aspectos financeiros, de clientes, de processos internos e de aprendizado e crescimento.

Fonte: Elaboração própria

Quadro 3 – Artefatos contábeis e definições

[1] Custeio por absorção, o que permite que a empresa apure o custo da mercadoria vendida ou produzida, ou o custo do serviço prestado, para tomar decisão, soma os custos diretos e indiretos, fixos e variáveis incorridos no período de apuração.
[2] Custeio Meta ou <i>target costing</i> , o que permite que a empresa antes de produzir ou negociar os produtos obtenha informações sobre o preço que o mercado aceita pagar e verifica se há necessidade de reduzir os custos para se adaptar ao mercado e garantir a rentabilidade desejada. Custeio do Ciclo de Vida do Produto, o que permite que a mensuração dos custos seja realizada em todas as fases do produto: concepção do projeto, desenvolvimento, produção, entrega ao consumidor e o pós venda.
[3] Retorno sobre o Investimento ou ROI, o que permite a empresa medir o seu desempenho utilizando a relação entre o lucro e o investimento.
[4] Planejamento Estratégico, o que permite a elaboração de um instrumento formal, de longo prazo, no qual se apresentam a missão, a visão e as estratégias organizacionais, estabelecendo os objetivos e as políticas, verificando as ameaças e as oportunidades, os pontos fortes e os pontos fracos e os pontos de direção os rumos da organização.
[5] Orçamento, o que permite periódica mente a elaboração de um plano formal para expressar quantitativamente o plano de ação da organização.
[6] Gestão Baseada em Atividades ou ABM, o que permite que, para fins gerenciais, a empresa utilize um modelo de gestão por atividades, no qual os custos são mensurados com base no custeio baseado em atividades.
[7] Balanced Scorecard ou BSC, o que permite que a estratégia seja monitorada de forma balanceada, utilizando indicadores de desempenho – financeiros e não financeiros - com base em quatro perspectivas: financeira, cliente, processos internos, e aprendizado e crescimento.
[8] Gestão Baseada em Valor ou VBM, o que permite que a empresa utilize mecanismos gerenciais com a finalidade de criar valor para o acionista ou sócios, utilizando direcionadores de valor com os conceitos de custo de oportunidade de capital e de valor econômico agregado.
[9] Custeio Baseado em Atividades ou ABC, o que permite que a empresa gerencie os custos por meio de atividades, encontrando bases que representam as relações entre os custos das atividades e os objetivos dos custos, como produtos, processos e ordens, pois compreende que atividades consomem os recursos e os bens e serviços consomem atividades.
[10] <i>Economic Value Added</i> ou EVA, o que permite que a empresa utilize a medida de desempenho tendo por base o lucro residual (lucro operacional líquido reduzido do custo do capital - custo de oportunidade) nos moldes do instrumento EVA.
[11] Planejamento Tributário, o que permite que a empresa utilize mecanismos de gestão de tributos com a finalidade de analisar a melhor opção tributária a ser aplicada, visando à redução do pagamento de tributos, observando sempre os preceitos legais.
[12] <i>Just in Time</i> , o que permite que a empresa aplique a filosofia de produção na quantidade certa, no momento certo, com a qualidade adequada, sem formação de estoque e sem desperdício, aplicando o programa de melhoria contínua nos moldes do <i>Just in Time</i> .

Fonte: adaptado de Correia (2010)

contábeis provocaria a alteração da percepção do respondente sobre o seu desempenho.

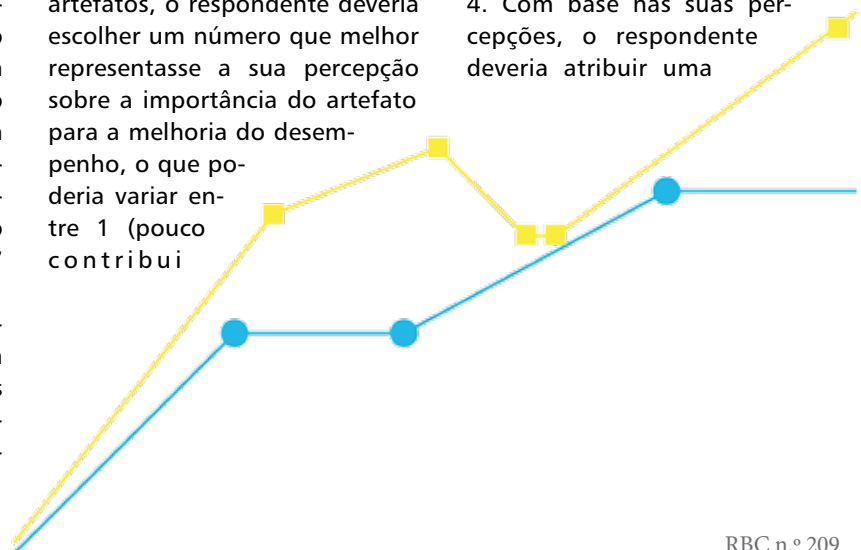
Após a apresentação das informações do Quadro 2, o respondente deveria assinalar sua percepção, considerando quatro afirmações: (a) a probabilidade de eu comprar ações da companhia apresentada é muito forte; (b) as ações da companhia apresentada oferecem perspectivas de alta rentabilidade; (c) a empresa apresentada no texto possui um excelente desempenho financeiro; (d) o desempenho contábil da empresa apresentada no texto é superior ao de suas concorrentes. Para cada uma das afirmações, o respondente deveria expressar sua concordância, escolhendo um número entre 1 (discordo totalmente) e 7 (concordo totalmente).

O segundo objetivo específico procurou capturar, de forma mais direta, a percepção dos respondentes sobre a contribuição de artefatos contábeis es-

pecíficos para o desempenho empresarial. Assim, a segunda parte do instrumento de coleta de dados apresentou os doze artefatos contábeis caracterizados no Quadro 3. Foi sugerido que o respondente imaginasse outra situação envolvendo uma empresa que precisaria melhorar o seu desempenho. Para isso, a organização estaria pensando em utilizar os artefatos apresentados no Quadro 3. Para cada um dos artefatos, o respondente deveria escolher um número que melhor representasse a sua percepção sobre a importância do artefato para a melhoria do desempenho, o que poderia variar entre 1 (pouco contribui

para a melhoria do desempenho) e 7 (muito contribui para a melhoria do desempenho).

O terceiro objetivo específico buscou apresentar a percepção dos respondentes sobre medidas de desempenho mais relevantes para a mensuração do desempenho empresarial de uma organização. Para isso, a terceira parte do instrumento apresentou as doze medidas de desempenho empresarial contidas no Quadro 4. Com base nas suas percepções, o respondente deveria atribuir uma



Quadro 4 – Medidas de desempenho e caracterização

[1] Fluxo de Caixa proveniente das operações. Verifica a discrepância entre o fluxo de caixa e do lucro. É definido com Lucro Operacional mais despesas não financeiras menos as vendas não financeiras.
[2] EBIT (LAJIR). É o lucro antes de juros, impostos.
[3] EBITDA(LAJIDA). É o lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização.
[4] Fatia de mercado ou percentual de <i>market share</i> . É o percentual de vendas de um produto ou segmento de mercado que uma empresa possui. É definida como o total de vendas de um determinado produto ou de um segmento de mercado da empresa dividida pelo total de vendas do mercado para o mesmo produto ou segmento de mercado.
[5] Lucro Operacional. É o total de vendas menos o custo dos produtos vendidos (CPV, CMV, CSV, Etc..) depois de subtraída as despesas de vendas e administrativas (SGA)
[6] Margem de lucro ou Lucro Líquido sobre Vendas. É a margem de Lucro sobre as vendas. É calculado como o lucro líquido dividido pelas vendas totais.
[7] Retorno Sobre Ativos. É o retorno sobre os ativos investidos. É calculado como lucro líquido dividido pelo ativo total da empresa.
[8] Retorno sobre PL. É o retorno sobre o Patrimônio Líquido. É calculado como lucro líquido dividido pelo PL total da empresa.
[9] Retorno por Ação. É o retorno de dividendos por ação. É calculado como o dividendo distribuído dividido pelo valor da ação.
[10] NOPAT. É o lucro operacional após ser descontado os impostos.
[11] Retorno sobre o Investimento ou ROI. É definido como o lucro operacional líquido após o desconto de impostos dividido pelo o capital total investido, ou seja NOPAT/Investimento.
[12] Crescimento de Vendas. É definido como a variação das vendas no período. É definido como a diferença entre as vendas do período dividido pelas vendas do período anterior.

Fonte: adaptado de Richard (2009)

nota para cada uma das medidas, escolhendo um número entre 1 (pouco importante) e 7 (muito importante).

A quarta e última parte do experimento visou capturar as características demográficas de cada respondente referentes ao gênero, idade, semestre previsto para a conclusão do curso e se o aluno já possuía outra formação acadêmica. Os dados foram coletados entre 28 de janeiro de 2013 e 6 de fevereiro de 2013, a dois meses, portanto, do final do semestre, na Faculdade de Contabilidade da Universidade Federal da Bahia. Os dados foram analisados com o uso o software SPSS versão 21 e as técnicas estatísticas envolveram o uso de estatística descritiva e inferencial, amparada por testes de qui-quadrado.

4. Análise de Resultados

Uma caracterização da amostra pode ser vista na Tabela 1. Foi formada por 49 mulheres e

55 homens, com média de idade de 24,83 anos e graduação prevista entre 2012.2 e 2015.2. Pode-se notar que 71,1% da amostra está nos últimos 2 anos do curso, o que foi um dos objetivos da escolha da amostra,

por entender que a compreensão do estudo de caso envolvia a necessidade de conhecimento de matérias, como Planejamento Estratégico, Orçamento, Controladoria, Análise de Investimento e Análise das Demonstrações

Tabela 1 - Características demográficas dos respondentes

Gênero	Fi	Idade	Fi	Previsão para Graduação	Fi
Masculino	55	20	8	2012.2	21
Feminino	49	21	15	2013.1	23
Total	104	22	10	2013.2	30
		23	16	2014.1	20
		24	12	2014.2	7
		25	10	2015.1	2
		26	7	2015.2	1
		27	4	Total	104
		28	7		
		29	4		
		30	2		
		31	1		
		32	3		
		35	1		
		38	1		
		40	3		
		Total	104		

Fonte: Elaborado pelas Autoras

Financeiras, todas pertencentes a grade dos últimos 2 anos do curso da UFBA.

Em relação ao fato de ter feito outra graduação, cinco respondentes afirmaram que já haviam se formado em Administração, e outros quatro eram formados em Direito, Engenharia Química, Letras e Licenciatura, respectivamente.

A análise sobre a percepção dos graduandos em Ciências Contábeis da Universidade Federal da Bahia, em relação ao uso de artefatos contábeis e desempenho empresarial, pode ser feita com o auxílio da Tabela 2.

Os números da Tabela 2 sugerem que a percepção de desempenho melhora a partir do momento que se introduz a informação da presença dos artefatos. Observe que as médias de expectativa de desempenho dos cenários com artefatos contábeis de I, II e IV estão acima das médias que não apresentam o constructo. No entanto, no item III (desempenho financeiro), a variação da média não é significativa.

Também se observa que, apesar de as pesquisas apresentadas no Quadro 1 mostrarem que o relacionamento entre uso de artefatos contábeis e desempenho não é claro, na percepção dos alunos a existência desse relacionamento é evidenciada. Segundo a abordagem de Oyadomari et al. (2008), já explanada nesse artigo, uma explicação para essa percepção seria o isomorfismo; os alunos ao saberem que as grandes empresas utilizam artefatos contábeis, associam seu uso ao seu melhor desempenho empresarial.

Contudo, como se observa na Tabela 3, o teste do qui-quadrado de associação deu não significativo, demonstrando que as diferenças não são tão estatisticamente significantes. Portanto, não se pode afirmar que a introdução de

Tabela 2 – Perspectiva de desempenho dos alunos da empresa do cenário

Perspectiva de Desempenho		1	2	3	4	5	6	7	Média	Desvio Padrão
		I. Comprar ações	Sem	2	3	3	10	19	10	4
	Com		2	5	10	11	15	9	5,13	1,38
II. Rentabilidade	Sem		1	8	6	18	13	5	4,96	1,26
	Com	1	2	1	11	15	12	10	5,17	1,40
III. Desempenho financeiro	Sem	1	3	11	11	11	11	3	4,43	1,45
	Com	1	3	8	17	8	10	5	4,50	1,46
IV. Desempenho contábil	Sem	10	4	14	6	9	6	2	3,51	1,78
	Com	8	4	5	14	7	8	6	4,08	1,91

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

Tabela 3 – Resultados dos testes do Chi-quadrado

	Valor	Df	Sig. Assint. (2 lados)
Chi-quadrado de Pearson	10,212a	6	,116
Razão de probabilidade	10,574	6	,102
Associação Linear por Linear	2,395	1	,122
N de Casos Válidos	103		

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

Tabela 4 – Percepção sobre a importância dos artefatos para o desempenho

Artefato Contábil	Importância percebida							Média	Desvio Padrão
	1	2	3	4	5	6	7		
Custeio por Absorção	2	5	7	21	18	27	23	5,1	1,54
Custeio Meta	2	3	3	13	20	34	28	5,5	1,41
ROI	4	5	6	17	24	23	23	5,1	1,62
Planejamento Estratégico	2			4	18	23	56	6,2	1,16
Orçamento	3		3	10	21	33	33	5,7	1,35
ABM	3	3	17	23	29	22	5	4,5	1,36
BSC	3	1	4	18	23	27	27	5,4	1,43
VBM	5	6	10	23	29	18	10	4,6	1,53
ABC	3	3	10	20	31	25	11	4,9	1,40
EVA	10	9	16	16	27	16	8	4,2	1,72
Planejamento Tributário	4	4	3	7	21	23	41	5,6	1,61
JIT	7	7	6	23	25	15	19	4,7	1,73

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

artefatos contábeis no cenário da pesquisa altera a percepção dos alunos quanto ao desempenho.

De acordo com a Tabela 4, os artefatos mais importantes para o desempenho foram o Planejamento Estratégico, o Orçamento e o Planejamento tributário.

Nota-se, portanto a ausência do BSC entre os mais pontuados, considerada por Davila (2012) como a mais adequada ferramenta de mensuração de desempenho para o ambiente instável e globalizado que as empresas atualmente enfren-



tam. Pode-se inferir que o aluno de Contabilidade não tem conhecimento corrente das ferramentas que lhe serão adequadas para exercer a profissão quando legalmente habilitados.

Outra surpresa encontrada, a partir dos dados da Tabela 4, foi a menor média obtida pelo EVA, que é notadamente uma medida que tem ganhado amplo destaque desde sua criação por Stern Stewart em 1991. Era esperado que, pela teoria neo-institucional, os alunos fossem ranquear entre os primeiros esse artefato. Talvez a exposição desse tema em nível de graduação não seja suficiente para o aluno desenvolver um comportamento mimético.

Dada a relevância do tema e as ausências de ferramentas modernas de mensuração do desempenho empresarial, seria im-

portante o aprofundamento da discussão acerca do ferramental necessário para exercer a profissão de contador no ambiente atual em que a profissão contábil esta inserida.

Partindo para o segundo objetivo específico da pesquisa, foi capturada a percepção sobre os melhores artefatos contábeis para mensurar o desempenho empresarial, o que pode ser visto nos números da Tabela 4. Era esperado que os alunos escolhessem artefatos do GR2 - Métodos de mensuração, avaliação e medidas de desempenho, da classificação de Morais: que são os mais indicados para medir desempenho. Surpreendentemente, os alunos não escolheram nenhum artefato desse grupo; os alunos elegeram o Planejamento Estratégico do

GR3, o Orçamento Empresarial também do GR3 e o Planejamento Tributário, que também se encaixaria mais no GR3, nessa ordem. Como boa parte dos alunos era composta de alunos da matéria de penúltimo e último semestre, respectivamente, orçamento e controladoria, talvez haja aqui uma influência dessa vivência no experimento.

O terceiro objetivo específico tratou de capturar a percepção sobre as melhores medidas para mensurar o desempenho empresarial, o que pode ser visto nos números da Tabela 5. Verificou-se que, na percepção dos alunos, as mais efetivas medidas para mensurar o desempenho de uma empresa foram o crescimento das vendas, o ROE e Índice de Margem Líquida (IML), nessa ordem. No entanto, as médias de todas as medidas são muito parecidas, sem nenhum grande destaque específico. Isso corrobora Richard (2012) e Brito et al. (2009), que indicam não existir na literatura uma classificação de consenso sobre a melhor medida para mensurar o desempenho empresarial.

5. Conclusão

Apesar de a percepção de desempenho melhorar a partir do momento que se introduz a informação da presença dos artefatos, a análise estatística não evidenciou que, na percepção dos alunos, o uso de artefatos

Tabela 5 – Percepção sobre a eficiência das medidas de desempenho

Medida de Desempenho	1	2	3	4	5	6	7	Média	Desvio Padrão
FCO	7	5	6	14	20	19	32	5,14	1,8
LAJIR	6	4	9	18	28	16	22	4,89	1,68
EBITDA	8	1	10	16	28	16	17	4,78	1,69
Fatia de Mercado	1	4	3	13	28	34	19	5,36	1,31
Lucro Operacional	3	1	4	12	34	21	29	5,42	1,41
IML	3	2	6	11	21	32	29	5,47	1,48
ROA	3	3	8	9	34	22	25	5,25	1,50
ROE	2	4	3	8	30	30	27	5,48	1,40
Retorno por Ação	4	3	8	14	29	25	20	5,10	1,54
NOPAT	10	4	11	15	24	26	13	4,64	1,77
ROI	4	1	7	12	21	32	27	5,39	1,51
Crescimento de Vendas	2	1	5	17	17	35	27	5,49	1,38

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

“Apesar de a percepção de desempenho melhorar a partir do momento que se introduz a informação da presença dos artefatos, a análise estatística não evidenciou que, na percepção dos alunos, o uso de artefatos contábeis, influencia o desempenho empresarial.”

contábeis, influencia o desempenho empresarial. Com os resultados obtidos, não se pode afirmar que um dos motivadores para se investir nos artefatos contábeis seja realmente a melhoria do desempenho empresarial. Assim, o problema de pesquisa proposto foi parcialmente respondido: a introdução de artefatos contábeis altera a percepção dos alunos quanto ao desempenho,

mas, não, de forma estatisticamente significativa.

Como objetivo secundário da pesquisa, foi evidenciado no experimento que, na percepção dos alunos da UFBA, os melhores artefatos para aumentar o desempenho financeiro são Planejamento Estratégico, Orçamento Empresarial e Planejamento Tributário, nessa ordem. Já quanto às mais eficientes medidas para mensurar desempenho, foi evidenciado pelos alunos o crescimento das vendas, o ROE e IML. Com esses resultados os objetivos secundários da pesquisa foram atingidos.

A contribuição dessa pesquisa foi fazer a análise da percepção

dos alunos em relação aos artefatos contábeis e o desempenho empresarial, e também advertir que pode ser necessária a adequação do currículo do curso de Ciências Contábeis para o novo ambiente de negócios que as organizações estão atualmente inseridas.

Notou-se um viés na pesquisa ao se apontar artefatos alinhados com a temática abordada no penúltimo e último semestre e, não, com os artefatos mais citados na academia, demonstrando que o conhecimento dos alunos está muito associado ao conteúdo apresentado em sala de aula e pouco associados com o conhecimento corrente. Pode-se deduzir, a partir dessa observação, que os alunos carecem de outras fontes de informação, além da sala de aula.

Novas pesquisas podem ser realizadas para expandir esse

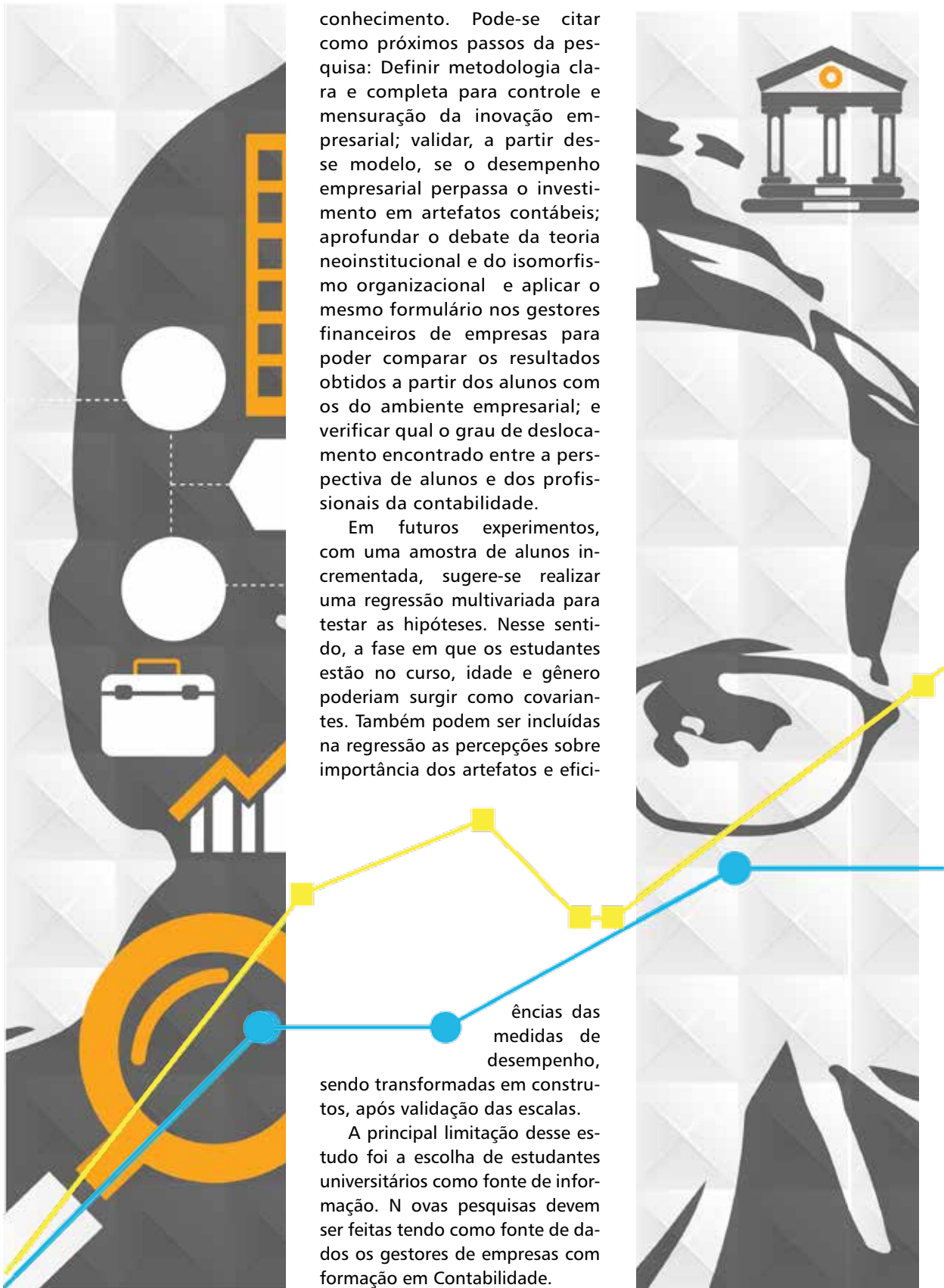


conhecimento. Pode-se citar como próximos passos da pesquisa: Definir metodologia clara e completa para controle e mensuração da inovação empresarial; validar, a partir desse modelo, se o desempenho empresarial perpassa o investimento em artefatos contábeis; aprofundar o debate da teoria neoinstitucional e do isomorfismo organizacional e aplicar o mesmo formulário nos gestores financeiros de empresas para poder comparar os resultados obtidos a partir dos alunos com os do ambiente empresarial; e verificar qual o grau de deslocamento encontrado entre a perspectiva de alunos e dos profissionais da contabilidade.

Em futuros experimentos, com uma amostra de alunos incrementada, sugere-se realizar uma regressão multivariada para testar as hipóteses. Nesse sentido, a fase em que os estudantes estão no curso, idade e gênero poderiam surgir como covariantes. Também podem ser incluídas na regressão as percepções sobre importância dos artefatos e efici-

ências das medidas de desempenho, sendo transformadas em construtos, após validação das escalas.

A principal limitação desse estudo foi a escolha de estudantes universitários como fonte de informação. Nas pesquisas devem ser feitas tendo como fonte de dados os gestores de empresas com formação em Contabilidade.



Referências

BISBE, J.; OTLEY, D. The effects of the interactive use of management control systems on product innovation. *Accounting, Organizations and Society*, v. 29, n.8 p. 709-737, 2004.

BRITO, E. P. Z.; BRITO, L. A. L.; MORGANTI, F. Inovação e o Desempenho Empresarial: Lucro ou Crescimento? *RAE-eletrônica*, São Paulo, v. 8, n. 1, Art. 6, Jan./Jun. 2009. Disponível em: <http://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/10.1590_S1676-56482009000100007.pdf> Acesso em: 18 fev. 2013.

CORREIA, R. *Ciclo de Vida Organizacional e Instrumentos de Gestão: Uma Investigação Nas Empresas Baianas*, 2010 Tese (Mestrado em Contabilidade) – Faculdade de Ciências Contábeis, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

DAVILA, A. New Trends in Performance Measurement and Management Control, in Antonio Davila, Marc J. Epstein, Jean-François Manzoni (ed.) *Performance Measurement and Management Control: Global Issues (Studies in Managerial and Financial Accounting, Volume 25)*, Emerald Group Publishing Limited, pp.65-87.

FREZATTI, F., NASCIMENTO, A. R., & JUNQUEIRA, E. (2009). Desenvolvimento da pesquisa em Contabilidade Gerencial: as restrições da abordagem monoparadigmática de Zimmerman. *Revista Contabilidade & Finanças*, 20(49), 6-24.

KRAUS, S., POHJOLA, M., & KOPONEN, A. (2012). Innovation in family firms: An empirical analysis linking organizational and managerial innovation to corporate success. *Review of Managerial Science*, v. 6, p. 265-286.

MEIRELES, M.; SANCHES, C.; SORDI, J. O. - *Incorporação Tecnológica Pelas Organizações: Um estudo do seu impacto no trabalho e no lucro*, in XXXIV EnANPAD, Rio de Janeiro, Anais, 2010.

MORAIS, O. O.; COELHO A. C. D.; HOLAND A. P. Artefatos de contabilidade gerencial e desempenho operacional em companhias de capital aberto do Brasil in XXXVI EnANPAD, Rio de Janeiro, Anais, 2012.

OTLEY, D. T. *Performance management: a framework for management control systems research*, Management Accounting Research, v. 10, p. 363-382, 1999. Disponível em <http://miha.ef.uni-lj.si/_dokumenti3plus2/196128/Otley-1999-PM-aframeworkforMCSresearch.pdf> Acesso em 13 de fev. 2013.

OYADOMARI, J.C.T.; MENDONÇA NETO, O. R.; CARDOSO, R. L.; LIMA, M. P. Fatores que influenciam a adoção de artefatos de controle gerencial nas empresas Brasileiras. um estudo exploratório sob a ótica da teoria institucional. *RCO- Revista de Contabilidade e Organizações*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 55-70 Jan./Abr. 2008. Disponível em: <<http://www.congressosp.fipecafi.org/new/artigos82008/193.pdf>> Acesso em: 23 mar. 2013.

OYADOMARI, J.C.T.; FREZATTI, F.; MENDONÇA NETO, O. R.; CARDOSO, R. L. Uso do sistema de controle gerencial e desempenho: um estudo em empresas brasileiras sob a perspectiva da Resources-Based View. In: Terceiro Encontro da Associação dos Programas de Pós-graduação em Contabilidade –IAE, 2009: São Paulo. *Anais*, 2009.

RICHARD, P. J.; DEVINNEY, T. M.; YIP, G. S.; JOHNSON, G. Measuring Organizational Performance: Towards Methodological Best Practice, *Journal of Management*, Vol. 35 No. 3, p. 718-804, June, 2009. Disponível em <<http://jom.sagepub.com/content/35/3/718>> Acesso em 13 de fev. 2013

SOUTES, D. O. *Uma investigação do uso de artefatos da contabilidade gerencial por empresas brasileiras*. 2006. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo.
